

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

INDICE HISTÓRICO ESPAÑOL — Bibliografía histórica de España y Hispanoamerica. Vol. I — 1953-1954. Centro de Estudios Internacionales. Universidad de Barcelona.

Os oito primeiros fascículos do “Índice Histórico Español” — excelente publicação periódica sobre a bibliografia histórica espanhola dirigida pelo prof. Jaime Vicens Vives — reunidos e acrescidos de um tríptico índice remissivo sob o título de “Bibliografía Histórica de España e Hispanoamerica — vol. I, 1953-1954” formam um precioso volume, que contém referências críticas de 6871 diferentes obras históricas, entre livros, monografias, folhetos e artigos de revistas, direta ou indiretamente relacionados com a Espanha e sua área colonial.

Chamamos a atenção de nossos estudiosos para essa publicação que poderá, em grande parte, trazer solução para os múltiplos problemas que enfrentam no campo da pesquisa bibliográfica, particularmente quando se tem em vista os inúmeros pontos de conexão entre a História do Brasil e a História da Espanha e de seu mundo colonial.

PAULO PEREIRA DE CASTRO

RUY (Afonso). — *História da Câmara Municipal da Cidade do Salvador*. Salvador, 1953. 388 pp.

As comemorações centenárias, sejam de cidades, de pessoas ou de fatos históricos, têm pelo menos o mérito de avolumar a produção historiográfica nacional. E muitas vezes com trabalhos que justificam plenamente o interesse que a efeméride desperta. Foi assim, por exemplo, com a Bahia, que em 1949 comemorou, entre grandes manifestações de civismo, dois centenários de larga projeção na vida nacional: o quarto da sua própria fundação e o primeiro do nascimento de Rui Barbosa, o mais ilustre de seus filhos. Aos poucos vão sendo editados os trabalhos de pesquisa e investigação histórica sugeridos pelo transcurso daquela importante data: o de Thales de Azevedo sobre o povoamento da cidade do Salvador e o de Afonso Ruy sobre a história da câmara municipal da capital baiana. Este último foi o que há pouco a *Revista de História* teve o prazer de receber. Seu autor já é bastante conhecido como pesquisador dos arquivos de sua cidade. A historiografia brasileira deve-lhe o melhor estudo sobre a curiosa revolução de 1798, a-chamada “inconfidência baiana”, também conhecida por “revolução dos al-

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

faiates”. Seu novo trabalho estuda o organismo municipal da primeira cidade brasileira, sua ação na vida cidadina e sua influência na política e na administração nacional. Fugindo ao relato cronológico (desaconselhado para obras desta natureza) o Autor obedeceu a um plano, de forma a dar, de um lanço, “a visão do que foi no tempo e no espaço, a atuação desses homens que consolidaram a independência depois de criarem a consciência nacional”. Dessa maneira, representa o livro do Sr. Afonso Ruy valiosa contribuição à história da cidade do Salvador. Dada a carência, entre nós, de estudos monográficos sobre o passado das nossas cidades, folgamos mais ainda em registrar a publicação de um trabalho como este .

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

COSTA (F. A. Pereira da). — *Anais Pernambucanos*. Volumes IV e V. Recife, Arquivo Público Estadual, 1952-1953.

E' sempre com satisfação que registramos nestas páginas o aparecimento de novos volumes da importante obra de Pereira da Costa, que o Arquivo Público Estadual de Pernambuco, em boa hora, resolveu editar. Da importância dos *Anais Pernambucanos* para a história, não apenas de Pernambuco, mas de todo o norte do Brasil, já tivemos ocasião de tratar neste mesmo local, quando noticiamos o aparecimento dos primeiros volumes. Cabe-nos, agora, apenas registrar a publicação de mais dois volumes — o quarto e o quinto — ambos com apresentação idêntica à dos tomos anteriores. O volume quarto compreende o período que vai de 1666 a 1700 e o volume quinto abrange os primeiros 39 anos do século XVIII. Este último tem como prefaciador o Prof. Joaquim Inácio de Almeida Amazonas, Reitor da Universidade do Recife, e é o seu prefácio que nos adverte do interesse da matéria contida nas páginas desse quinto volume, que compreende um período “fertilíssimo em acontecimentos de alto relêvo para a história de Pernambuco”. Bastaria lembrar, como exemplo, as informações nele contidas a respeito da chamada “Guerra dos Mascates”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

BOXER (C. R.). — *Salvador de Sá and the struggle for Brazil and Angola (1602-1686)*. Londres. The Athlone Press. 1952.

Raros estudos bibliográficos possuem a envergadura da obra que Charles R. Boxer lançou, há pouco, com a segurança de quem, após longa mas profícua caminhada por arquivos e bibliotecas, chega, afinal, ao fim da jornada na pleniposse dos conhecimentos que procurava de início.

Possuidor de invulgar cultura histórica, particularmente voltada para os assuntos portugueses, Charles R. Boxer, ao traçar a biografia de Salvador Correia de Sá e Benevides, não se deixou enredar no labirinto das contradições criadas por uma bibliografia especializada em que a verdade histórica é deformada por um partidário estrábico, exagerado, anticientífico. Dai, portanto, a rejeição, por exemplo, das teses defendidas por Alfredo Ellis Júnior

(constante da nota da página 27 da obra do professor universitário inglês), sem que o Autor fôsse movido por antipatia sistemática ao universitário paulista pois que se apoia, por vêzes, em seu *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano* (São Paulo, 1934), incontestavelmente uma obra de valor do catedrático de História da Civilização Brasileira, a única baseada em pesquisas documentais que lhe deram um crédito de idoneidade científica que não soube infelizmente manter em suas produções sucessivas, marcadas por um culto exagerado de tradições bandeirantes.

A magistral biografia de Salvador Correia de Sá e Benevides, desenvolvida em oito consideráveis capítulos, poderia ser apreciada em dois momentos bem distintos: o anterior à Restauração portuguesa, marcado pela atuação de Salvador no ambiente brasileiro e platino e o posterior, quando o gênio militar e administrativo estão mais ligados à política colonial de Portugal.

Ao fixar o primeiro período o Autor consegue esboçar as condições do ambiente em que se projetará a ação inicial de Salvador Correia de Sá e Benevides cujos interesses da família no Rio de Janeiro da época analisa, com fidelidade, para a compreensão ideal dos acontecimentos futuros. O traço mais característico de sua obra — ausente em bibliografias anteriores — é a passagem de Salvador para o Prata e a conseqüente radicação pelo casamento e pelos interesses comerciais à região, engolfada então no comércio clandestino com o Perú. Tôdas estas circunstâncias explicarão mais tarde a atuação política de Salvador no sentido de estender a colonização portuguesa até o Prata (Boxer atribui-lhe a paternidade da Colônia do Sacramento), depois do malôgro da idéia da conquista portuguesa de Buenos Aires, ou ainda a criação da capitania de Santa Catarina encravada entre a capitania vicentina e o Paraguai, bem como tôda a sua política comercial voltada para o Prata: projeto de abertura do comércio de escravos negros após a reconquista de Angola, intensificação do comércio brasileiro com o Prata para atingir a prata peruana, etc.

A luz dos estudos realizados por Boxer pode-se, ainda, apreciar o episódio da aclamação de D. João IV no Brasil por um novo prisma em que desapareceram as deformações que acabaram transformando o insignificante episódio de Amador Bueno em uma epopéia: *purely ephemeral* é bem a expressão que sintetiza um acontecimento que para alguns continua a ser a explosão de um nacionalismo impetuoso e indômito...

Compreendendo a necessidade de explicar o ambiente em que Salvador Correia de Sá e Benevides atuará após a sua partida para a metrópole em 1643, realiza Boxer um acurado estudo do momento político português logo após a Restauração. Analisa finalmente as necessidades econômicas do reino ressaltando a importância da produção açucareira (*milck cow* do exgotado tesouro português) bem como do fornecimento de escravos negros de Angola, a *black mother*, arrebatada pelos holandeses.

Mostrara o Autor a posição de Salvador Correia de Sá e Benevides, guindado então ao Conselho Ultramarino, no sentido de conduzir a uma política comercial que resolva as aperturas financeiras da Corôa ao mesmo tempo que atenda os seus interesses de rico latifundiário na capitania do Rio de Janeiro. Guindado à direção das forças que conseguiram a "miraculosa" restauração de Angola (1648), Salvador continua pensando na reabertura do comércio de

escravos negros com Buenos Aires e, ainda que a idéia tenha encontrado obstáculos no Conselho Ultramarino, isto não impediria que o herói de Angola carregasse o navio que o trouxe ao Brasil em 1652 com boa quantidade de negros.

(Aliás o contrabando de negros para o Prata já era uma tradição na família de Salvador como bem o indica documentação recolhida por nós no Arquivo das Índias).

Parecem-nos particularmente interessante as observações do Autor sobre a influência do libertador de Angola na adoção da política das companhias de comércio para o Brasil de que o Pe. Antônio Vieira era paladino, através do emprêgo de capitais de cristãos-novos, objeto de viva oposição dos meios religiosos eivados de preconceitos.

Muito judiciosas são, sem dúvida, as considerações do Autor sobre a reserva de D. João IV para com Salvador em assuntos que envolvessem interesses espanhóis, causa primordial pela qual o descendente de Mem de Sá só viu realizado o seu grande sonho — a administração das capitanias do sul, independente do governo-geral da Bahia — após a morte do rei (1656), durante a regência da rainha D. Luísa de Guzmán, de origem espanhola.

Os argumentos expendidos com grande autoridade sobre a revolta popular na capitania do Rio de Janeiro contra a oligarquia dos Sá — episódio quase olvidado por muitos historiadores — é uma excelente sugestão para estudos mais amplos que, à luz de novos documentos, viessem explicar melhor a psicologia dessa massa popular, tão mal compreendida e analisada em teses apressadas ou tendenciosas.

Outro farto manancial para investigações futuras, que projetem maior luz sobre essa quase desconhecida história de fins do século XVII português, deve ser o estudo do papel do Conselho Ultramarino de que participou Salvador Correia de Sá e Benevides, na década 1670-1680, dada a submissão do rei às decisões desse importante órgão administrativo. Eis porque a fundação da Colônia do Sacramento, fruto final da influência de Salvador, caracteriza perfeitamente o pensamento de quem por vários títulos tinha suas vistas voltadas para a preponderância portuguesa no Prata.

A obra oferece, portanto, interesse profundo aos estudiosos da história brasileira, não apenas pela sua notável contribuição ao conhecimento de uma época quase ignorada como de um das personalidades mais interessantes da época.

Magnífica a bibliografia.

ROZENDO SAMPAIO GARCIA

PEREIRA (Hipólito da Costa). — *Diário da minha viagem para Filadélfia (1798-1799)*. Prefácio de Alceu de Amoroso Lima, estudo biográfico por Múcio Leão, nota final de Oswaldo de Melo Braga. Publicações da Academia Brasileira. Coleção Afrânio Peixoto. Inédita. IV. Rio de Janeiro, 1955, 283 páginas.

A Academia Brasileira acaba de publicar, na sua coleção Afrânio Peixoto, o *Diário* da viagem que Hipólito da Costa fez, em 1798-1799, aos Estados Unidos. Este *Diário* é um dos documentos que se encontravam na biblioteca de Évora e constitui peça de importân-

cia, não apenas para a biografia do seu autor, mas para o conhecimento da História da América. O *Diário*, segundo informa Múcio Leão, permaneceu inédito durante mais de século e meio e foi Alceu de Amoroso Lima que mandou que se fizesse cópia do mesmo e que cedeu essa cópia para que a Academia a publicasse. E muito bem fez a Academia em publicá-la. Que outros documentos importantes possa ela trazer ao conhecimento dos estudiosos, tais são os nossos votos.

A viagem de Hipólito da Costa aos Estados Unidos foi determinada pelo grande ministro, o 1.º conde de Linhares, ilustre mineiro que tão importantes serviços prestou ao Brasil na fase preparatória da nossa Independência. Partiu de Lisboa, o jovem bacharel brasileiro, com a incumbência de observar e estudar a economia agrícola norte-americana, principalmente as questões que se prendiam ao cultivo do tabaco, da cana, do cânhamo e da cochinhilha, assim como também de estudar a construção de obras de hidráulica. Tão importantes foram os serviços do jovem bacharel em filosofia, que D.º Rodrigo de Sousa Coutinho nomeou-o deputado literário à Junta da Imprensa Régia. Mas foram apenas estes os resultados da missão. Infelizmente a parte prática, os resultados práticos, perderam-se, pois as sementes colhidas e remetidas por Hipólito da Costa — e que se destinavam ao Brasil — acabaram, em virtude de burocratices, apodrecendo... Mas, como diz Amoroso Lima, ao menos salvou-se o *Diário*, onde Hipólito da Costa descreve, com finura, a germinação de um grande país.

Está infelizmente para ser estudada a grande figura do diretor do *Correio Brasiliense*. Apenas começa agora a ser feito o estudo da vida e das aventuras pelas quais passou Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, bacharel em filosofia e leis pela Universidade de Coimbra. Era êle um espirito curioso e vivo, um verdadeiro representante do pensamento do século XVIII. Curiosa e viva é, também a descrição que faz do grande país que visitou, no alvorecer do século XIX. Conta êle, depois de narrada a viagem, que chegou a Filadélfia e que foi hospedar-se na *City Tavern* onde pagava, a sêco, para êle e para o criado, 15 dólares por semana. 15 dólares que representavam então, apenas... 12 cruzeiros. "O mil réis dava ágio ao dolar — observa Amoroso Lima. E' para ver o câmbio que temos andado desde o século XVIII..." Conheceu Hipólito da Costa, em Newport, um certo inglês, Stuart, que viajava, dizia, *para o bem da Filosofia*. Era homem que fôra rico e que tudo deixara, vivendo apenas das lições que dava. Mas, não lavava a camisa "senão raras vèzes e lavava-se em água suja; numa palavra: é porco por principio" (pp. 182-183). Como não achou discipulos que o seguissem, o que muito lisongeiava os americanos do norte, mudou-se...

Este *Diário* é, assim, cheio de observações interessantes. Que a Academia, como dissemos, continui a publicar outros documentos, como êste, de inestimável preço para os estudiosos.

J. CRUZ COSTA

BULHÕES (Augusto de). — *Ministros da Fazenda do Brasil* (1808-1954), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1955, 274 pp.

O Sr. Augusto de Bulhões, alto funcionário da Fazenda Federal e que ainda há pouco publicava um interessante estudo sôbre Leo-

poldo de Bulhões, que aqui tivemos ocasião de examinar, volta a trazer importante contribuição para o estudo da história financeira da República com este novo trabalho que é o seu livro, *Ministros da Fazenda do Brasil*. Seu livro, ao lado da obra de Pinto do Carmo sobre o mesmo assunto, constituem valiosa contribuição para o estudo da história financeira do nosso país.

J. CRUZ COSTA

STADEN JAHRBUCH, vols. 2 e 3, 1954 e 1955, Instituto Hans Staden, São Paulo.

Nesta mesma secção da *Revista de História* já tivemos oportunidade de noticiar a publicação do número inaugural dos *Staden Jahrbuecher*, patrocinados pelo Instituto Hans Staden, desta capital, e destinado a colaborar para uma compreensão cada vez maior dos problemas brasileiros por parte dos alemães, estejam eles aqui radicados ou não, e de teuto-brasileiros. Tratava-se, sem a menor sombra de dúvida, de um acontecimento realmente auspicioso, a tal ponto que não nos pudemos furtar ao desejo de que o exemplo frutificasse. Pensávamos, então, ser interessante que outras instituições culturais mantidas por brasileiros ainda ligados; por meio de contactos de diversas ordens, à terra de seus pais, e que por isso se preocupassem com a divulgação e melhor compreensão de nossos problemas nos países de seus maiores, se abalançassem ao lançamento de publicações semelhantes. Acima de tudo, entretanto, desejávamos longa vida aos *Staden Jahrbuecher*, temendo que dificuldades facilmente compreensíveis não permitissem a organização e a publicação regulares dos Anuários. Ao noticiarmos, agora, o aparecimento dos números 2 e 3, correspondentes a 1954 e a 1955, verificamos a falta de base de nossos temores. O Instituto Hans Staden, bem como o Prof. Egon Schaden e seu excelente corpo de colaboradores, sejam eles autores dos trabalhos publicados ou seus tradutores, parecem efetivamente determinados a levar avante o empreendimento que se propuseram, estando já mesmo em elaboração o número 4 do Anuário, para 1956.

São os seguintes os trabalhos constantes das referidas publicações: Número 2, 1954: Henrique Oscar Wiederspahn, "Non duco, duco"; Gioconda Mussolini, "Die Lebensweise der brasilianischen Kuestenbevoelkerung" (trad. Olívia Florence); Wolfgang Buecherl, "Einige wenig bekannte Bodenschaetze Brasiliens"; Margarete Speer, "Butantan, ein vorbildliches Forschungs institut"; Vikton Leinz, "Der Kaffebohnenkaefer im Staate São Paulo"; José Albertino Rodrigues, "Die wirtschaftliche und soziale Lage in Minas Gerais zur Kolonialzeit" (trad. Maria Teresa Schorer); Lourival Gomes Machado, "Das Barock von Minas Gerais und das Werk des Aleijadinho" (trad. Rudolf Peschke); Georg Hoeltze, "Die Propheten von Congonhas do Campo"; José Aderaldo Castelo, "Tendenzen des modern brasilianischen Romans" (trad. Rudolf Peschke); Rudolf Peschke, "Sklaverei und Sklavenbefreiung in Brasilien"; Anatol H. Rosenfeld, "Die Situation des Farbigen in Brasilien"; Karl H. Oberacker, "Die Sozialgeschichtliche Bedeutung der deutschen Einwanderung"; Egon Schaden, "Der Deutschbrasilianer — ein Problem"; Karl Fouquet "Periodika im Dienste des deutsch-brasilianischen Kultur- und Wirtschaftsaustausches".

Número 3, 1955: Rudolf Schroeder, "Temperatur und Niederschlag in Brasilien"; Erich Arnold von Buggenhagen, "Die Duerre im Nordosten"; Aroldo de Azevedo, "São Paulo, Stadt des dynamischen Wachstums" (trad. Rudolf Peschke); Hans Schnitzlein, "Deutsch-brasilianischer Handelsaustausch"; Karl Heinrich Oberacker, "Das Werden der brasilianischen Nation"; Rudolf Peschke, "Die Revolution der Farrapen und ihre Einwirkung auf die deutsche Kolonisation"; João Cruz Costa, "Der Positivismus in der Geschichte Brasiliens" (trad. Erich Arnold von Buggenhagen); Antônio Cândido, "Soziologische Betrachtungen ueber die moderne Literatur Brasiliens" (trad. Anatol H. Rosenfeld); P. Guilherme Saake, S. V. D., "Vierzig Jahre Japanerkolonie Registro"; Anatol H. Rosenfeld, "Macumba"; Maria Isaura P. de Queiroz, "Die Gesellschaftsorganisation der Timbira" (trad. Ulrich Gogarten); Egon Schaden, "Der Paradiesmythos im Leben der Guarani-Indianer"; Karl Fouquet, "Deutsch Leben der Guarani-Indianer"; Karl Fouquet, "Deutsch-brasilianische Bibliographie".

Difícil se nos torna destacar tal ou qual dentre êstes trabalhos, dado que uma das características dos *Staden Jahrbuecher* é a harmonia do nível de suas colaborações. Gostariamos, porém, de chamar a atenção dos leitores para a bibliografia teuto-brasileira organizada pelo Dr. Karl Fouquet, instrumento de trabalho em breve destinado a ser indispensável a muito pesquisador de assuntos brasileiros.

PEDRO MOACYR CAMPOS

*
* *

NOTICIÁRIO.

O PROFESSOR JEAN GAGÉ.

Divulgamos com grande satisfação que segundo notícias recentemente chegadas da Europa foi o professor Jean Gagé eleito para o "Collège de France".

Antigo professor da Universidade do Estrasburgo, o professor Jean Gagé regou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo os cursos de História Geral, de 1938 a 1941, e os cursos de História Moderna e Contemporânea de 1941 a 1946. Durante todos aquêles anos, além de sua atividade exclusivamente didática, promoveu conferências, realizou pesquisas e foi um dos fundadores da Sociedade de Estudos Históricos e dos mais ardorosos de seus propugnadores na sua fase inicial. Regressando para a França em 1946, não se desligou todavia da Faculdade que tanto ficara devendo a seus esforços e, além de acompanhar com particular interêsse o seu desenvolvimento, continuou a contribuir valiosamente para êsse mesmo desenvolvimento na qualidade de colaborador da *Revista de História*. Dessa forma o professor Jean Gagé conta entre nós numerosos amigos e ex-alunos para os quais com certeza esta notícia será particularmente grata.

E. SIMÕES DE PAULA